

Sétima Arte Sétima Arte Sétima Arte

Ônibus 174, de José Padilha, foi lançada com mais cópias nos Estados Unidos do que aqui. O público é pequeno, bem restrito a grupos e a TV a cabo. Como reverter o quadro?

"Nem tudo no mundo cinematográfico é *blockbuster*. Aliás, o que é genuinamente seminal não foi visto por milhões de espectadores. Hoje há uma tendência a aferir a importância dos filmes pela quantidade de espectadores que fizeram no cinema. Acho isso um tremendo equívoco, pois a semeadura da arte é muito mais longínqua do que um sucesso explosivo. Tudo bem que cinema é uma arte industrial, mas filmes, sobretudo documentários, costumam fazer circuitos alternativos que jamais são levados em consideração: escolas, hospitais, universidades, além de festivais de cinema espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Hoje o documentário atravessa uma fase maravilhosa, que não deve ser interrompida, com tantos títulos importantes e nos ajudando a redescobrir o nosso país, a nossa cidade, os moradores de rua, os *rappers* do Rio, a periferia de São Paulo, enfim são tantos temas importantes que a gente nem imagina a revolução silenciosa que o gênero está fazendo no cinema brasileiro nesse momento, alavancada pela revolução da tecnologia digital".

O cineasta Michael Moore anda criando polêmica e apresenta um estilo irônico, panfletário e sensacionalista, que gera crises como *Super Size Me*, de Morgan Spurlock, e *The Corporation*, de Jennifer Abbot e Mark Achbar. O que tem a comentar sobre ele e o conteúdo de seus longas?

"Michael Moore é mesmo um tremendo manipulador, mas cinema não é uma manipulação? Ele deixa clara essa manipulação em seus filmes, o que não deixa de ser uma certa transparência ética. É um realizador necessário nesses tempos de George W. Bush. Não gosto de panfletarismo, isso acaba com a arte. Mas um documentário pode ajudar a transformar a "realidade". *A Margem da Imagem* foi utilizado pela Secretaria do Bem-Estar Social da prefeitura de São Paulo para descolar verbas no Banco mundial para um projeto voltado para a população de rua no bairro da Barra Funda. Não estou querendo dizer que um documentário tem o poder de mudar alguma coisa. Mas pode lançar novas luzes sobre uma determinada situação emergencial, por exemplo".

Veja mais fotos no site
www.acontecenacidade.com.br

DICAS PARA O FESTIVAL DO RIO:

Zatoichi, de Takeshi Kitano - Santa Menina, de Lucrecia Martel - O Abraço Partido, de Daniel Burman - Agente Triplo, de Eric Rohmer - A História de Marie e Julien, de Jacques Rivette - Herói, de Zhang Yimou - O Jogador de Cartas, de Dario Argento - Nossa Música, de Jean-Luc Godard - Ninguém Pode Saber, de Hirokazu Kore-eda - Bens Confiscados, de Carlos Reichenbach



Teatro

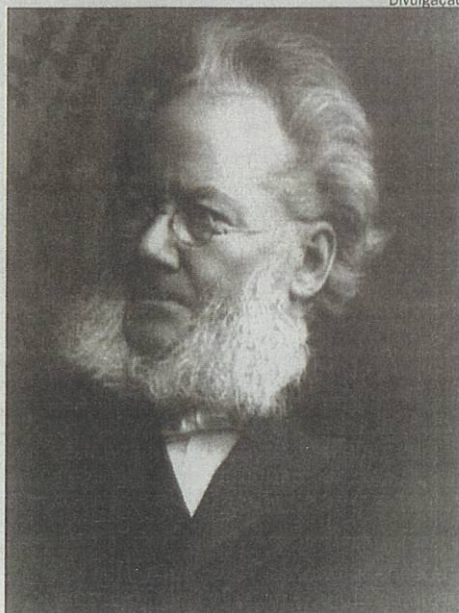
Ibsen inédito no Brasil

O Pequeno Eyolf estreia no Centro Cultural da Justiça Federal

Conflitos e mais conflitos entre dois casais e o filho de um deles afloram sentimentos como inveja, ciúme e des-prezo. Este é o tema de *O Pequeno Eyolf*, texto de Ibsen nunca montado no Brasil. Contada de forma poética e emocionante, a história escrita pelo dramaturgo norueguês em 1894 se mantém extremamente atual por tratar de temas como responsabilidade humana, individualidade e universo coletivo. A direção do espetáculo é do premiado Paulo de Moraes.

Henrik Ibsen é considerado o pai do teatro realista moderno. A vocação individual e a luta do homem para formar seu destino são temas constantes em sua obra. Entre as principais estão *Casa de Bonecas*, *O Túmulo de Guerreiro*, *O Pato Selvagem*, *Imperador e Galileu*, *Peter Gynt* e *Um Inimigo do Povo*.

O Pequeno Eyolf tem previsão de estreia para o dia 21 de outubro no Centro Cultural da Justiça Federal. (F.M.)



Divulgação